

Pimenta afirma que dívida é impagável

6 JAN 1987

EXTERNA

«A dívida é impagável. Os credores sabem disto, mas têm interesse em manter esse grande teatro que está escravizando os países devedores». Esta é a conclusão do líder do governo, deputado Pimenta da Veiga, de suas conversas nos Estados Unidos com parlamentares, integrantes do governo americano e intelectuais, que transmitirá nos próximos dias ao presidente José Sarney.

Pimenta defende um endurecimento efetivo do Brasil nas negociações com os credores privados e prevê um fortalecimento desta posição do PMDB na próxima semana, quando os 22 governadores eleitos pelo partido discutem em Brasília a dívida externa.

Na avaliação de Pimenta da Veiga, há duas posições dentro do governo brasileiro: a dos que estão convencidos de que o Brasil deve endurecer para valer, impondo as suas condições para continuar pagando a dívida externa e a dos que ainda não estão convencidos disto.

— De duas coisas, não podemos abrir mão: a negociação, em hipótese alguma, pode implicar ou

resultar em recessão; 2) — Temos que reduzir a menos da metade a remessa de recursos para o exterior. Ou conseguimos isto na mesa de negociação, que é o preferível, mas é difícil, ou através de um ato de soberania — esclarece Pimenta.

Na audiência com Sarney e na reunião com os governadores eleitos do PMDB, Pimenta da Veiga defenderá uma grande campanha de esclarecimento à opinião pública sobre a dívida externa, provocando um amplo debate sobre as alternativas para enfrentá-la. E observa: «Não defendo uma posição precipitada do governo, mas uma decisão da Nação. O governo ao tomar uma atitude diante dos credores deve ter o respaldo da população e isto só será obtido através do debate, do esclarecimento».

Segundo Pimenta da Veiga, os banqueiros internacionais elevaram unilateralmente os juros, transformando a dívida externa do Terceiro Mundo em um verdadeiro monstro: «Hoje, já há uma consciência internacional — e pude constatar isto nos Estados Unidos —

de que a dívida é impagável. Em níveis diferentes, no Congresso americano e no próprio governo dos Estados Unidos há consciência de que a escravidão dos países devedores é desinteressante até para os países credores».

— No Congresso americano, em especial, está se fortalecendo a idéia de que não se pode mais continuar dando privilégio aos bancos, em detrimento da indústria, do comércio e do próprio mercado de trabalho nos Estados Unidos. O comércio internacional corre sérios riscos em consequência da dívida externa dos países do Terceiro Mundo que já chega a US\$ 1 trilhão. Esta situação não pode mais continuar.

Pimenta faz questão de minimizar as ameaças de retaliação na hipótese de o Brasil tomar uma atitude unilateral na dívida externa: «Não acredito. O Brasil representa interesses muito importantes. Mas a Nação deve estar esclarecida da possibilidade de ter de fazer sacrifícios e bancar uma atitude desta. Temos de bater duro nos banqueiros privados».